



# SÍTIOS DE INTERESSE BOTÂNICO DE PORTUGAL CONTINENTAL

Tom II



# SÍTIOS DE INTERESSE BOTÂNICO DE PORTUGAL CONTINENTAL

Tomo II

Coordenação editorial  
João Farminhão

Coordenação científica  
Sociedade Portuguesa de Botânica

EDIÇÕES LISBOA CAPITAL VERDE EUROPEIA 2020  
BOTÂNICA EM PORTUGUÊS 5, Tomo II

**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L

© **N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L  
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA A COMERCIALIZAÇÃO.

**Imprensa Nacional**  
é a marca editorial da

**INCM**

Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.  
Av. de António José de Almeida  
1000-042 Lisboa

www.incm.pt  
www.facebook.com/ImprensaNacional  
prelo.incm.pt  
editorial.apoiocliente@incm.pt

© Câmara Municipal de Lisboa, 2021

**Título**

Sítios de Interesse Botânico de Portugal Continental  
– Tomo II

**Coordenação científica**

Sociedade Portuguesa de Botânica

**Coordenação editorial**

João Farminhão

**Autores**

Alexandre Silva  
Anabela Martins  
Ana Delaunay Caperta  
Ana Júlia Pereira  
Ana Sofia Róis  
André Carapeto  
António Flor  
Carla Pinto Cruz  
Carlos Aguiar  
Carlos Neto  
Carlos Pinto-Gomes  
Cecília Sérgio

César Augusto Garcia  
Dalila Espírito-Santo  
Helena Cotrim  
Joana Oliveira  
João Farminhão  
Joaquim Pessoa  
Jorge Capelo  
José Carlos Costa  
José Luís Vitorino  
José Monteiro  
Luís Brás  
Luísa Borges  
Manuel João Pinto  
Manuela Sim-Sim  
Marco Jacinto  
Mário Cachão  
Mauro Raposo  
Miguel Brilhante  
Miguel Porto  
Paula Canha  
Paulo Alves  
Paulo C. Silveira  
Paulo Lemos  
Paulo Pereira  
Paulo Ventura Araújo

Pedro Arsénio  
Raquel Ventura  
Vasco Silva

**Seleção e tratamento de fotografias**

João Farminhão  
Miguel Porto

**Impressão e acabamento**

Gráfica Jorge Fernandes

**Edição:** Afonso Reis Cabral

**Revisão:** Carlos Jesus

**Conceção gráfica:** Rui Henrique

**Paginação:** Cristina Lamego

© **Fotografias:** indicado nas legendas

© **Fotografia da capa:** *Onosma tricosperma*  
subsp. *tricosperma*, Ana Júlia Pereira

© **Fotografia da badana:** *Bellevalia trifoliata*,  
Miguel Porto

**1.ª edição:** setembro de 2021

**ISBN:** 978-972-27-2967-3

**Depósito legal:** 487347/21

**Edição n.º:** 1025048

Obra publicada no âmbito da distinção de  
Lisboa como Capital Verde Europeia 2020



# SERRA DE FICALHO

MAURO RAPOSO<sup>1</sup>, RAQUEL VENTURA<sup>2</sup>  
E CARLOS PINTO-GOMES<sup>1,3</sup>

A serra de Ficalho é um recanto cultural e uma verdadeira «ilha de biodiversidade», constituindo um local de refúgio para um elevado número de plantas, algumas das quais quase exclusivas desta serra em Portugal continental. Como entusiastas do estudo das comunidades vegetais, surgem-nos sempre algumas questões triviais, nomeadamente: o porquê, o como e o quando estas plantas raras surgiram nestas superfícies, bem como quais os motivos da não ocorrência noutros lugares. Tentaremos, por isso, apresentar neste texto as principais características diferenciadoras e identitárias deste sítio de interesse botânico, dotadas de elevada originalidade, por encerrar uma flora peculiar e única a nível nacional.

Situada no Alentejo mais profundo, marcada por uma forte ruralidade, a serra de Ficalho faz fronteira com Espanha, pertencendo ao distrito de Beja e integrando os concelhos de Moura e Serpa, sendo facilmente acessível pela EN260. O ponto mais elevado ergue-se aos 518 metros de altitude no vértice geodésico do Talefe. Na verdade, estes relevos encerram um relicário de valores que são formados por um conjunto de elevações agrupadas em três alinhamentos principais, onde vários pontos se destacam na paisagem, tais como: Adiça, Álamo, Preguiça, Malpique, entre outros, cuja orientação predominante é noroeste-sudeste. A topografia representa um fator diferenciador de ocorrência das espécies e formações vegetais, notando-se uma clara diferença entre as encostas com maior exposição ao quadrante norte (Figura 1), frequentemente mais

frescas e húmidas, em oposição às encostas com exposição predominantemente a sul (Figura 2), onde o calor tórrido do verão proporciona o aparecimento de plantas que, em Portugal, são exclusivas desta serra.

Os substratos predominantes são formados por calcários muito antigos, contrastando com a peneplanície envolvente onde dominam os solos ácidos, derivados de rochas xistosas e graníticas.

Estas superfícies, dominadas pelo bioclima mediterrânico pluviestacional oceânico, onde as precipitações ocorrem concentradas durante o inverno, apresentam um valor médio anual próximo dos 500 milímetros. A baixa precipitação associada à forte secura estival, normalmente de junho a setembro, refletem-se nos humildes cursos de água de carácter temporário (Figura 2). Aliada à reduzida precipitação, as características hidrogeológicas favorecem a rápida infiltração da água no solo, formando um importante aquífero cársico que absorve milhares de metros cúbicos de água anualmente. Por outro lado, registam-se fortes amplitudes térmicas, oscilando entre os 45 °C, de temperatura máxima no verão, e - 4,7 °C no inverno. Todas estas características, associadas à milenar ação antrópica na paisagem, resultam numa flora rica e distinta das áreas envolventes à serra.

Embora a presença do Homem, nestas superfícies, seja muito antiga, testemunhada pela identificação

1. Departamento de Paisagem, Ambiente e Ordenamento. Escola de Ciência e Tecnologia. MED – Instituto Mediterrâneo para a Agricultura, Ambiente e Desenvolvimento. Universidade de Évora.

2. Direção Regional de Conservação da Natureza e Florestas do Alentejo. ICNF – Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas. Beja.

3. Instituto de Ciências da Terra (ICT). Universidade de Évora.

**PÁGINA 206**  
*Lagoecia cuminoídes*, um terófito que vive em prados e clareiras de matos, preferencialmente em substratos calcários secos e pedregosos e secos. [Fotografia de Miguel Porto]

**FIGURA 1**

Vista da penepalanície alentejana para a encosta norte da serra de Ficalho. [Fotografia de Raquel Ventura]



**FIGURA 2**

*Paeonia broteri* típica de locais sombrios e pedregosos, em ambientes florestais. [Fotografia de Ana Paisano]

de utensílios de madeira de oliveira (*Olea europaea* var. *sylvestris*), medronheiro (*Arbutus unedo*), catapereiro (*Pyrus bourgaeana*), urze (*Erica arborea*), entre outras, no povoado arqueológico de Passo Alto (datados pelo menos do século VI a.C.), a diversidade florística atual é ainda elevada.

Pensa-se que um dos primeiros registos sobre a flora e vegetação da serra de Ficalho foi realizado pelo Professor Catedrático Francisco Manuel de Melo Breyner (1837-1903), 4.º Conde de Ficalho, um dos mais importantes homens das letras e da botânica do seu tempo. Posteriormente, Pinto da Silva, Malato-Beliz, Abílio e Rosette Fernandes, entre outros, visitaram estes relevos, enaltecendo igualmente a elevada biodiversidade encontrada. Contudo, só em 1995, um estudo mais aprofundado sobre a flora e vegetação de um dos relevos desta serra foi publicado, tendo sido aí identificadas cerca de 500 plantas distintas.

A serra de Ficalho seria, outrora, dominada por densos azinhais e, em menor área, por sobreirais. Contudo, à semelhança das serras calcárias do outro lado da fronteira, nomeadamente entre Moura e Zafra (Jerez de los Caballeros – Espanha), seria possível a ocorrência de carvalho-cerquinho (*Quercus broteroi*) neste território. Porém, os cortes massivos de carvalhos ocorridos durante a época dos Descobrimentos, sobretudo a partir do século XV, conduziram possivelmente ao seu



desaparecimento na serra de Ficalho. Como consequência dos vários períodos de corte de carvalhos, grande parte das plantas típicas dos ambientes florestais terá reduzido consideravelmente as suas populações e mesmo desaparecido. Assim, apesar das profundas transformações ocorridas, refira-se ainda a presença da rosa-albardeira (*Paeonia broteri*), uma das mais belas plantas da nossa flora que viu diminuir drasticamente as suas populações a nível nacional (Figura 2). A atração da

população por este «tesouro» botânico conduziu à realização anual de um inesquecível passeio fitoturístico até ao cume da serra, durante o mês de abril (Figura 3). Este evento, organizado pela Associação Talefe, só foi interrompido nos anos de 2020 e 2021, perante o contexto pandémico vigente.

A elevada diversidade existente neste território está relacionada também com a sua localização geográfica, por constituir uma zona de transição de vários fatores biofísicos. Exemplo disso é o limite biogeográfico da área de distribuição de algumas espécies. Assim, assinala-se a outrora presença do rosmaninho-verde (*Lavandula viridis*) e da palmeira-anã (*Chamaerops humilis*) (atualmente, não foram observadas na serra), bem como a cebola-albarrã-do-peru (*Scilla peruviana*), entre outras, que, apesar de terem o seu ótimo ecológico no Algarve, ainda vivem na serra de Ficalho. Assinala-se, também, na serra a presença de um tojo endémico do Sudoeste da Península Ibérica (*Ulex eriocladus*) e de uma campânula (*Campanula transtagana*) que têm o seu ótimo ecológico nos territórios alentejanos mais setentrionais.

Atualmente, a serra de Ficalho é caracterizada pela cultura do olival, em modo de produção tradicional, que se estende praticamente a toda a sua área. Neste sentido, contam os locais que, antigamente, apanha da azeitona fazia-se quase até ao Talefe (marco geodésico de primeira ordem ali existente), sem qualquer maquinaria auxiliar. Porém, o progressivo abandono dos terrenos a maior altitude tem beneficiado a dinâmica progressiva da vegetação, através da recolonização de várias plantas e formações vegetais. Assim, os carrascais do batólito da serra são exemplo disso, que, com o passar dos anos, foram «engolindo» as oliveiras abandonadas.

Nesta renaturalização da paisagem marcam presença várias plantas odoríferas, como as flores brancas de *Narcissus papyraceus*, que surgem a atapetar os prados dos olivais durante o final do inverno, ou as pascoinhas (*Coronilla glauca* e *C. juncea*), que, através das suas flores amarelas, libertam um intenso e inebriante perfume para a atmosfera durante a primavera (Figura 3).

Perante este cenário, a maioria dos valores botânicos da serra de Ficalho ocorre, atualmente, no estrato herbáceo dos olivais tradicionais, pouco intervencionados. Assim, na encosta exposta a sul, onde o calor é mais intenso, é ainda possível encontrar alguns exemplares de *Astragalus stella* (Figura 4) e *A. sesameus*, cujos núcleos populacionais, em Portugal continental, estão restritos a pequenos pontos do Alentejo Oriental e Algarve. Ao subir a serra, por entre oliveiras abandonadas e matagais, surgem alguns indivíduos da raríssima *Lagoecia cumioides* (outrora, muito abundante), uma planta herbácea anual, utilizada em algumas regiões mediterrânicas como substituto dos cominhos na alimentação. A sua presença na serra de Ficalho representa ainda mais de metade da sua população nacional. Outras plantas

também raras, mas relativamente frequentes nestes prados, são *Lomelosia simplex* (Figura 5), *L. stellata* e *Tragopogon porrifolius*.

Outra originalidade deste território é a presença de uma diversidade considerável de orquídeas, verdadeiras maravilhas da natureza, que rondam as duas dezenas, onde merece especial destaque uma das plantas mais emblemáticas e com maior valor patrimonial, a *Anacamptis collina* (Figura 6). A descoberta, em 1992, desta orquídea nestas superfícies constituiu a primeira citação para Portugal, promovendo um maior interesse desta serra para o estudo e visitação, a um público mais alargado, na esperança de um encontro imediato com uma orquídea rara. Esta planta foi avaliada como Criticamente em Perigo a nível nacional, perante a intensificação da agricultura e o aumento do pastoreio intensivo. Estima-se que esta orquídea possua apenas cerca de duas centenas de indivíduos em toda a serra de Ficalho, representando aproximadamente 90% da totalidade da sua população em Portugal. Outra orquídea rara, passível de se encontrar na serra, é *Anacamptis laxiflora*, avaliada Em Perigo na Lista Vermelha da Flora Vascular de Portugal Continental e com ameaças comuns. É neste estrato herbáceo rico em hemicriptófitos, geófitos e terófitos que surge também o raríssimo *Hypericum pubescens* (Figura 7), favorecido por algum encharcamento temporário, muitas vezes com água ressumante apenas durante o inverno. Os seus



núcleos populacionais, a nível nacional, encontram-se praticamente restritos à serra de Ficalho, mas está igualmente avaliada como Em Perigo em Portugal.

Mais recentemente, também no âmbito da Lista Vermelha da Flora Vascular de Portugal Continental, foi descoberta nestas superfícies uma nova leguminosa para a flora lusitana, a *Trigonella ovalis* (Figura 8), representando o único local de ocorrência conhecido em Portugal.

**FIGURA 3**  
Pormenor da floração de *Coronilla juncea*.  
[Fotografia de Raquel Ventura]









**FIGURA 7**  
*Hypericum pubescens*,  
 avaliada como Em  
 Perigo em Portugal.  
 [Fotografia de Miguel  
 Porto]

**FIGURA 8**  
*Trigonella ovalis*,  
 avaliada como  
 Vulnerável em  
 Portugal. [Fotografia  
 de Miguel Porto]

e as vertentes rochosas calcárias com vegetação casmofítica. Nas zonas mais aplanadas, podem ainda encontrar-se áreas de montado de azinho (*Quercus rotundifolia*) e resquícios de habitats florestais, como sobreirais e azinhais.

De modo a manter e a valorizar toda esta diversidade florística, devem ser adotadas medidas de gestão que promovam a conservação do solo, evitando desta forma a sua mobilização. Assim, a gestão do coberto vegetal deve dar prioridade ao controlo seletivo de matos heliófilos, conservando os arbustos mais próximos dos estados florestais maduros, como são exemplo o folhado (*Viburnum tinus*), o medronheiro, o sanguinho-das-sebes (*Rhamnus alaternus*), a murta (*Myrtus communis*), entre muitas outras.

A importância florística deste território tem, na verdade, passado muito despercebida à população em geral e a grande parte dos botânicos portugueses. Todavia, estes relevos contam seguramente com mais de meio milhar de plantas autóctones, algumas delas apresentando aqui os seus núcleos populacionais de maior importância nacional. Passadas quase três décadas da publicação do primeiro estudo sobre a flora e a vegetação da serra de Ficalho, onde se propõe a criação de uma área protegida, estas superfícies foram integradas no SIC (Sítio de Importância Comunitária) e, posteriormente, reclassificadas como ZEC (Zona Especial de Conservação). No



entanto, este verdadeiro paraíso botânico do Alentejo continua apenas com modestas ações de conservação ativa.

Por último, resta-nos ter a esperança de que este contributo ajude a despertar maior interesse na população sobre os valores naturais existentes neste humilde Território que a Mãe Natureza construiu, em perfeita harmonia com a população rural.

**FIGURA 9**  
*Leuzea confiera*, uma  
 asterácea comum  
 na serra que vive  
 em clareiras de  
 matos, sobre  
 substratos calcários,  
 algo pedregosos.  
 [Fotografia de Paulo  
 Ventura Araújo]